

DIÓGENES LAÉRCIO E O ALVORECER DA FILOSOFIA[¶]

Rodrigo Siqueira-Batista*
Romulo S. Batista**

*A ilusão da aurora
e os beijos
se desvanecem.*

*Só fica
o deserto.
Um ondulado
deserto.
Federico García Lorca*

Resumo: O nascimento da filosofia – seu alvorecer – permanece um mistério. De fato, as tentativas de se (re)contar suas origens têm permitido o delineamento de pálidos contornos desses primórdios. O diálogo com autores clássicos antigos – como Diógenes Laércio – pode trazer elementos para a apreciação do problema. Deste modo, o escopo do presente artigo é apresentar um estudo preliminar sobre o *Proêmio* do Livro I, das *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, enfatizando as principais teses apresentadas pelo autor acerca das origens da filosofia.

Palavras-chave: Filosofia, Diógenes Laércio, Grécia

I

1. Prolegômeno

A alvorada do pensamento filosófico na Grécia inaugura uma nova *atitude* do homem / da mulher em relação à realidade – inscrita, claramente, no horizonte da dúvida¹ –, a qual, de certo modo, manteve-se presente, no pensamento ocidental, ao longo dos últimos dois mil e quinhentos anos. A despeito da centralidade da filosofia naquilo que se costuma denominar *cultura ocidental*, sua emergência permanece como um fenômeno misterioso. Assim, tem provocado esforços de entendimento a partir de

[¶] O presente artigo retoma questões originariamente apresentadas no livro SIQUEIRA-BATISTA, R. *Deuses e homens: mito, filosofia e medicina na Grécia antiga*. São Paulo: Landy, 2003.

* Universidade Federal de Viçosa

Avenida P. H. Rolfs s/n, Campus Universitário

Viçosa, MG, Brasil

CEP 36571-000

E-mail: rsbatista@ufv.br

** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Rua Pereira de Almeida, 88 - Praça da Bandeira - Rio de Janeiro, RJ, Brasil

CEP: 20260-100

dísparas frentes de argumentação: (1) as ponderações sobre uma origem alienígena da filosofia – reconhecendo-se que a mesma teria sido *importada* de outras culturas (formulação contraposta à concepção de pensamento filosófico como um saber grego autóctone) – e (2) a delimitação da(s) figura(s) índice(s) nestes primórdios da interrogação filosófica.

As posições sobre esta questão vêm sendo defendidas, por distintos pensadores, desde a Antiguidade. Neste ínterim, Diógenes Laércio – em sua obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*² (doravante denominada *Vidas e doutrinas*) – traz considerações extremamente relevantes, as quais merecem uma análise mais detida. Com base nessas breves ponderações, o objetivo deste ensaio é apresentar um estudo preliminar sobre o Proêmio do Livro I, das *Vidas e doutrinas*, enfatizando as principais teses apresentadas pelo autor acerca do alvorecer da filosofia.

2. Bárbaros e Helenos

O debate em relação ao ineditismo da filosofia entre os gregos – na medida em que a mesma possa ser reconhecida como um produto das culturas *bárbaras*³ – é o primeiro ponto apresentado no proêmio das *Vidas e doutrinas*, nos seguintes termos:

Segundo alguns autores o estudo da filosofia começou entre os bárbaros. Esses autores sustentam que os persas tiveram seus Magos, os babilônios ou assírios seus Caldeus, e os indianos seus Ginosofistas; além disso entre os celtas e gálatas encontram-se os Druidas ou Veneráveis, de acordo com o testemunho de Aristóteles em sua obra *O Mágico* e o de Sotíon no Livro XXIII de sua obra *Sucessões dos Filósofos*. As mesmas autoridades dizem que Mocos era fenício, Zálmoxis era trácio e Atlas era líbio.⁴

A continuidade deste excerto situa em outros povos – e em outros personagens – o suposto princípio da filosofia, destacando-se Héfaistos (Egito), Zoroastro (Pérsia) e Orfeu (Trácia). Ademais, características das supostas filosofias dessas sociedades são pontuadas, em estreita relação com elementos religiosos. Esta perspectiva tem ressonância ao se reconhecer a presença de determinados elementos *exteriores* no

¹ Cf. SIQUEIRA-BATISTA, R. *Deuses e homens. Mito, filosofia e medicina na Grécia antiga*. São Paulo: Landy, 2003.

² Cf. DIÓGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. do grego, introdução e notas de Mario da Gama Kury. 2ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1977.

³ Sobre o termo bárbaro, a primeira nota da presente tradução do *Vidas e doutrinas* é bastante esclarecedora: “bárbaros, para os gregos antigos, eram os povos que não falavam a língua grega, e a expressão não era necessariamente pejorativa”. Cf. DIÓGENES LAËRTIOS., p. 13.

⁴ Cf. DIÓGENES LAËRTIOS., p. 13.

conteúdo do discurso filosófico, podendo se destacar a preeminência da noção de espírito como organizador do *kosmos* – como para Anaxágoras – tal qual o apontado pelo próprio autor das *Vidas e doutrinas*.⁵

A despeito destas reflexões, Diógenes Laércio afirma, em pelo menos dois momentos, que a filosofia foi instituída com os gregos, sendo um modo típico de pensar desse povo:

Assim começou a filosofia com os helenos, e seu próprio nome nada tem a ver com a maneira bárbara de se expressar.⁶

Esses autores ignoram que os feitos por eles atribuídos aos bárbaros pertencem aos helenos.⁷

Desde este ponto de vista, mesmo que se considere que há similaridades – e lídimos pontos de contato – entre as ideias bárbaras e helênicas acerca das coisas, a filosofia é uma invenção grega. Na verdade é possível se vislumbrar a originalidade do pensamento filosófico exatamente pela adoção de uma postura *inquiridora* diante da totalidade das coisas – ou, como já assinalado na primeira nota deste ensaio, como uma *infecção pelo germe da dúvida*. O pensamento filosófico, enquanto inovadora e autêntica atitude de indagação da realidade – nos primórdios apreendido como *physis*⁸ – é um produto consubstancial à cultura grega, da qual o Ocidente é herdeiro. Vale comentar que esse fervilhar interrogativo da filosofia produziu uma decisiva *mutação*, a qual pode ser situada em Sócrates, *introdutor da ética na filosofia*⁹: o deslocamento da pergunta da *physis* para o *homem*:

[...] os olhos da filosofia tinham-se voltado para o exterior, em busca de uma explicação razoável do espetáculo mutante da Natureza que

⁵ De fato, Diógenes Laércio declara que “Anaxágoras aproveitou essa ideia quando disse que todas as coisas eram originariamente indistintas, até que veio o Espírito e as organizou”. Cf. DIÓGENES LAËRTIOS., p. 14.

⁶ Cf. DIÓGENES LAËRTIOS., p. 14.

⁷ Cf. DIÓGENES LAËRTIOS., p. 13.

⁸ A palavra grega *physis* é traduzida, de forma muito simplista e rudimentar, como Natureza. Etimologicamente, *physis* é formado pelo sufixo *sis* e pela raiz verbal *phy*. Na voz ativa a palavra significa produzir e na voz média, crescer. Acredita-se que o termo se origina a partir de características do reino vegetal, estendendo-se mais tarde o significado do verbo a ponto de assumir uma amplitude máxima. Para W. Jaeger, em sua *Paidéia*, “a palavra abarca também a fonte originária de todas as coisas, aquilo a partir do qual se desenvolvem e pelo qual se renova constantemente o seu desenvolvimento; em outras palavras, a realidade subjacente às coisas de nossa experiência”. Deste modo, a palavra *physis* indica aquilo que por si brota, emerge, surge de si próprio e se manifesta neste desdobramento, pondo-se no manifesto. A *physis* é tudo o que existe, nada existe que não seja *fuvsig*. Para aprofundamento dessa discussão, ver BORNHEIM, G.A. *Os filósofos pré-socráticos*. 13ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 7.

⁹ DIÓGENES LAËRTIOS., p. 16.

nos rodeia. Agora [a partir de Sócrates], sua visão dirigia-se para outro campo — a ordem dos objetivos da vida humana — e, no centro desse campo, para a natureza da alma individual. A filosofia pré-socrática começa com a descoberta da Natureza; a filosofia socrática começa com a descoberta da alma humana.¹⁰

Se por um lado o questionamento sobre o homem *radicalizou* o movimento filosófico – inaugurando um novo modo de filosofar –, por outro as preocupações originárias com a *physis* se constituíram em um *marco* crucial para o que se tornou o Ocidente. Tal movimento é reconhecido pelo próprio Diógenes Laércio, ao propor que “A física é a parte dedicada ao universo e ao seu conteúdo; [e que] a ética é a parte dedicada à vida e ao que se relaciona conosco.”¹¹

As considerações destas primeiras páginas das *Vidas e doutrinas* podem, de algum modo, concorrer para o reaquecimento da polêmica em torno da tese do *milagre grego*,¹² de acordo com o qual o pensamento filosófico representaria uma ruptura com a tradição mítica anterior – Homero e Hesíodo. Entretanto, não parece ser este o caso, na medida em que se reconhece, a partir de diferentes autores – como F. M. Cornford¹³, M. Detienne¹⁴ e J. P. Vernant¹⁵ –, as inquestionáveis linhas de continuidade entre as narrativas míticas arcaicas e o pensamento filosófico originário¹⁶, no que diz respeito às ideias e aos conteúdos¹⁷ que aparecem nessas distintas manifestações da cultura. Desde esta perspectiva – e em conformidade com as anotações do *Proêmio* das *Vidas e doutrinas* – como já referido em respeito a Anaxágoras – mito e filosofia podem ser

¹⁰ Cf. CORNFORD, F.M. *Antes e Depois de Sócrates*. Trad. de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 6.

¹¹ DIÓGENES LAÉRTIOS., p. 17.

¹² Cf. BURNET, J. *O despertar da filosofia grega*. Trad.ão de Mauro Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.

¹³ Cf. CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae. As origens do pensamento filosófico grego*. Trad. de Maria Manuela Rocheta dos Santos. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

¹⁴ Cf. DETIENNE, M. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Trad. de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. Ver também, de M. Detienne. *A Invenção da Mitologia*. 2.ª ed. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília / José Olympio, 1998.

¹⁵ Cf. VERNANT, J.-P. *Mito e Pensamento entre os Gregos: Estudos de Psicologia Histórica*. Trad.ão de Haiganuch Sarian. São Paulo: Difusão Européia do Livro / Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

¹⁶ De fato, pode-se propor que “sem dúvida, muito da tonalidade racional da tradição homérica, e bem assim da capacidade classificatória de Hesíodo, continuaram a sobreviver; mas nas sociedades especulativas e cosmopolitas da Jônia, mormente na própria cidade de Mileto, elas tomaram uma forma mais perspicaz e foram aplicadas, sem se afastarem demasiado dos mitos e da religião, a um mais amplo e mais objetivo modelo do mundo”. Cf. KIRK, G.S., RAVEN, J.E., SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-socráticos: História Crítica com Seleção de Textos*. Trad. de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. p. 70.

¹⁷ De acordo com G. A. BORHEIM, “Quando Tales afirma que a água é o elemento primordial de todas as coisas, há nisto uma clara ressonância do mito homérico, que mergulha por sua vez nas mais primitivas crenças religiosas”. Cf. BORHEIM, G.A. *op. cit.*, p. 9.

compreendidos como manifestações de um mesmo Espírito helênico¹⁸, ou, quiçá, como *variações*¹⁹ de um mesmo tema: as relações do homem / da mulher com a *realidade* e com sua própria *condição*.

3. Tales, Anaximandro, Pitágoras, Ferecides e a *dupla origem da filosofia*

O segundo problema que se pode mapear no texto de Diógenes Laércio refere-se à inauguração do discurso filosófico – ou seja, a quem cabe a primazia de ser considerado o primeiro filósofo. Com efeito, desde Aristóteles reconhece-se em Tales de Mileto o fundador dessa ordem de pesquisas:

Nem todos eles concordam, porém, quanto ao número e à natureza desses princípios. Tales, o fundador deste tipo de filosofia, diz que o princípio é a água (por este motivo afirmou que a terra repousa sobre a água), sendo talvez levado a formar esta opinião por ter observado que o alimento de todas as coisas é úmido e que o próprio calor é gerado e alimentado pela umidade: ora, aquilo de que se originam todas as coisas é o princípio delas.²⁰

Tal concepção, comum entre os antigos “historiadores” da filosofia, é reiterada por Diógenes Laércio: “Resta-nos falar dos próprios filósofos individualmente e, em primeiro lugar de Tales.”²¹

Ao iniciar, *em primeiro lugar*, por Tales, torna-se explícito – neste excerto final do *Proêmio* – que é precisamente com tal pensador que se inicia a filosofia. Sem embargo, em trecho anterior deste mesmo *Proêmio*, Diógenes Laércio afirma *outra* origem para a reflexão filosófica, ao introduzir dois novos atores – Anaximandro e Pitágoras – neste cenário:

Na realidade a filosofia teve origem dupla, começando com Anaximandro e com Pitágoras. O primeiro foi discípulo de Tales, enquanto Pitágoras recebeu lições de Ferecides. Uma das escolas

¹⁸ Pode-se considerar, que “a narrativa mítica, o pensamento filosófico e a medicina hipocrática são três composições de um mesmo Espírito, tal qual o concebido por Georg W. G. Hegel: *Volksgeist*, o *Espírito de um povo*. [...] Deste modo, a filosofia não é o Espírito mas uma das múltiplas cores sobre a tela – como o mito e a medicina –, um dos diferentes fios que compõe o tecido deste *Volksgeist* desvelado no âmago dos próprios gregos”. Cf. SIQUEIRA-BATISTA, R. *Deuses e homens.*, p. 257-258.

¹⁹ Aqui entendida como na música, em que *variação* se refere à transformação – mais ou menos composta e adornada – de um dado tema, de modo a permitir que o mesmo se mantenha identificável como *estofa*, ou seja, na qualidade de elemento gerador. Pode ser lembrada, neste contexto, a Nona Sinfonia de Beethoven, em seu quarto movimento, em que é apresentado o famoso tema da Ode à Alegria: depois que o coro canta o *Vor Gott*, segue-se uma *variação* com orquestra e solo de tenor.

²⁰ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro I, 3. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969. Passo 983b.

²¹ DIÓGENES LAÉRTIOS., p. 18.

chamou-se iônica porque Tales, um milésio e portanto um iônio, instruiu Anaximandro; a outra chamou-se italiota por causa de Pitágoras, que filosofou a maior parte da sua vida na Itália.²²

Neste mesmo âmbito, vale destacar, ainda, os seguintes trechos do Livro I e do Livro VIII:

Agora devemos falar dos filósofos, começando pela filosofia iônica. Seu fundador foi Tales, de quem Anaximandro foi discípulo.²³

Concluída nossa exposição da filosofia iônica desde Tales, seu iniciador, até os homens que mais se distinguiram nela, passemos a examinar a filosofia itálica, fundada por Pitágoras, filho de Mnêsarco (um gravador de pedras preciosas).²⁴

Ao se confrontar essas quatro passagens, percebe-se a dubiedade da interpretação do autor no que concerne à posição de vanguarda no pensamento filosófico. Isso se expõe tanto em relação a Tales e a seu discípulo Anaximandro, quanto no que se refere a Pitágoras e a seu mestre Ferecides – ao qual Diógenes Laércio denomina *filósofo*, no capítulo 11 do Livro I²⁵, termo instituído pelo próprio Pitágoras²⁶ – como nomes primevos da filosofia.

Tendo em vista os brevíssimos recortes ora apresentados, propõe-se a seguinte síntese:

(1) É possível reconhecer, em Diógenes Laércio, uma *dupla origem* da filosofia no bojo do *Espírito helênico*, destacando-se por um lado a *dupla* Tales-Anaximandro e por outro a *dupla* Ferecides-Pitágoras como instituidores da filosofia, as quais estão circunscritas em díspares coordenadas espaciais: *Jônia e Itália*.

(2) Esta *dupla* origem – instaurada pelas referidas *duplas* – origina duas escolas de filosofia, denominadas jônica e itálica; em relação à primeira podem ser destacados, de acordo com Diógenes Laércio, os pensadores Anaximandro, Anaxímenes, Anaxágoras, Arquelaos, Sócrates, Xenofon, Aisquines, Aristipos, Faidon, Eucleide, Stílpon, Críton, Símon, Gláuco e Símiás, Cebes e Menêdemos, dentre outros; da escola itálica sobressaem Pitágoras, Empédocles, Epicarmo, Arquitas, Alcmeon, Hipasos, Filolau e Eudoxo.

²² DIÓGENES LAÉRTIOS., p. 16.

²³ DIÓGENES LAÉRTIOS., p. 46. Vale ressaltar que esta é a frase final do Livro I, imediatamente antes do Livro II, no qual se inicia a exposição da filosofia jônica, precisamente por Anaximandro.

²⁴ DIÓGENES LAÉRTIOS., p. 229.

²⁵ DIÓGENES LAÉRTIOS., p. 45.

²⁶ DIÓGENES LAÉRTIOS., p. 15.

4. EPÍLOGO

As origens da filosofia na Grécia – perdidas em um tempo tão distante quanto o século VI a.C. – permanecem como uma importante fronteira para a investigação filosófica na atualidade. Neste sentido, procurou-se apresentar, neste breve manuscrito, os primeiros resultados das leituras empreendidas na obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio. A opção por esta obra diz respeito ao lugar de destaque que as *Vidas e doutrinas* vêm adquirindo no âmbito da História da Filosofia Antiga, mormente no que diz respeito aos pré-socráticos.

As duas *questões* presentemente delimitadas dizem respeito às divergências acerca da originalidade da filosofia como produto da cultura grega e do personagem considerado precursor – ou iniciador – do pensamento filosófico. Evidentemente, as breves demarcações assinaladas deverão merecer, posteriormente, novos esforços de estudo, os quais poderão trazer um pouco mais de luz sobre os primórdios na Cultura Ocidental. Essa, ao menos, é a aposta, mesmo se reconhecendo que a tentativa de mirar o alvorecer da filosofia – instigante desafio para homens e mulheres do século XXI, na medida em que os limites dessa ordem discursiva, no horizonte do espírito helênico, são muitas vezes indistintos e mal definidos – é tarefa da mesma envergadura que a sondagem dos segredos, *suspiros do velho*, de uma natureza heraclítica que *ama se ocultar*.

*Nada turva os séculos
passados.
Não podemos
arrancar um suspiro
do velho.
O passado põe sua couraça de ferro
e tapa os ouvidos
com algodão do vento.
Nunca se poderá arrancar-lhe
um segredo.
Federico García Lorca*

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro I, 3. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.
- BORNHEIM, G.A. *Os filósofos pré-socráticos*. 13^a ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

- BURNET, J. *O despertar da filosofia grega*. Trad.ão de Mauro Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.
- CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae. As origens do pensamento filosófico grego*. Trad. de Maria Manuela Rocheta dos Santos. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- CORNFORD, F.M. *Antes e Depois de Sócrates*. Trad.ão de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DETIENNE, M. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Trad.ão de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- DETIENNE, M. *A Invenção da Mitologia*. 2ª ed. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília / José Olympio, 1998.
- DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. do grego, introdução e notas de Mario da Gama Kury. 2ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1977.
- KIRK, G.S., RAVEN, J. E., SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-socráticos: História Crítica com Seleção de Textos*. Trad. de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- SIQUEIRA-BATISTA, R. *Deuses e homens. Mito, filosofia e medicina na Grécia antiga*. São Paulo: Landy, 2003.
- SIQUEIRA-BATISTA, R. O nascimento da filosofia: uma peça em três atos. *Lugar comum* (UFRJ), 2011 (no prelo).
- VERNANT, J.-P. *Mito e Pensamento entre os Gregos: Estudos de Psicologia Histórica*. Trad de Haiganuch Sarian. São Paulo: Difusão Européia do Livro / Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.